

Sobra do Orçamento de 2020 libera folga de até R\$ 55 bilhões em 2021



Após aval do TCU (Tribunal de Contas da União), o governo deve contar em 2021 com uma verba adicional entre R\$ 45 bilhões e R\$ 55 bilhões, que poderá ser usada na continuidade do enfrentamento à pandemia do coronavírus.

O montante diz respeito às sobras de recursos do Orçamento de 2020, agora autorizadas para uso em 2021. A estimativa foi elaborada pelo diretor-executivo da IFI (Instituição Fiscal Independente, ligada ao Senado), Felipe Salto, a pedido da reportagem.

Para o enfrentamento da crise sanitária, o governo liberou R\$ 573,5 bilhões do início de 2020 até o dia 10 deste mês. Desse total, o ano deve ser encerrado com uma sobra de até R\$ 55 bilhões, que re-

ceberam autorização, mas não foram efetivamente usados.

Na avaliação do economista, o uso desses recursos no ano que vem não afetará o teto de gastos, regra que limita o crescimento das despesas do governo à variação da inflação. O tema, no entanto, ainda gera divergências entre técnicos do governo e do TCU (Tribunal de Contas da União).

No início do mês, o TCU autorizou o governo federal a usar recursos do Orçamento deste ano em 2021, na forma de restos a pagar. A decisão contrariou orientação anterior do Ministério da Economia, que limitaria esse tipo de despesa que transborda de um ano para o outro.

A disponibilidade desses recursos é importante para o

governo, porque com o encerramento da vigência do decreto de calamidade e do chamado Orçamento de guerra, no fim deste mês, as contas públicas terão de respeitar novamente as regras fiscais.

Isso significa que não haverá margem para ampliação de gastos como foi feito em 2020. Para o ano que vem, por exemplo, estão previstos apenas R\$ 96 bilhões para as chamadas despesas discricionárias, aquelas que o governo tem mais liberdade para gastar, o que inclui custeio da máquina pública e investimentos. O valor é considerado baixo.

Pelas contas de Salto, somente com o auxílio emergencial, o governo deve ficar com uma sobra de R\$ 29 bilhões não gastos neste ano.

Economia



Retomada da atividade econômica perde força em outubro e cresce 0,86%, diz indicador do BC

Página - 03

Bares e restaurantes vão à Justiça contra restrição de horário e de venda de bebidas em SP

Página - 03

Agronegócio



Obras de infraestrutura reduziram em 11% valor do frete agrícola

Página - 04

Negócios



A Havaianas e seus recordes bilionários da pandemia, sem digital

Página - 08

No Mundo

Países ricos compraram doses para vacinar 3 vezes a população



A Aliança da Vacina do Povo, coalizão de seis organizações internacionais, como a Oxfam e a UNAids, calcula que os países ricos compraram doses suficientes para imunizar toda sua população três vezes até dezembro de 2021, se todos os estudos clínicos em realização forem bem sucedidos.

Países que representam 14% da população mundial compraram o equivalente a 53% das vacinas mais promissoras, ainda segundo o grupo.

Só o Canadá se comprometeu com a compra de doses suficientes para vacinar cinco vezes sua população. Enquanto isso, 9 em cada 10

personas em 67 países pobres não serão vacinadas até o fim de 2021. “Não é uma surpresa que as nações ricas busquem vacinar suas populações primeiro”, afirma Ian Bremmer, fundador da consultoria Eurasia Group.

A esperança para os demais, segundo ele, está no Covax Facility, o consórcio internacional que busca acelerar o desenvolvimento de vacinas contra covid-19 e viabilizar uma distribuição equitativa. “Imagino que Joe Biden colocará os EUA nas iniciativas da Covax, o que será positivo, mas ainda assim os países em desenvolvimento vão demorar mais para fazer a vacinação”, afirma.

O presidente Donald

Trump não quis se unir à aliança internacional Covax, criticou a Organização Mundial de Saúde (OMS) e retirou os EUA do órgão. Na semana que passou, assinou uma ordem executiva para priorizar a vacinação de americanos antes da exportação de vacinas — apesar de autoridades não conseguirem explicar qual será o efeito prático disso.

Já o presidente eleito, Joe Biden, prometeu recolocar os EUA nos fóruns multilaterais e discutir uma resposta global à pandemia, mas o tamanho da crise doméstica e os desafios de logística e distribuição da vacina devem dominar sua agenda após a posse, em 20 de janeiro.

Estado SP

Argentina tem pior moeda de mercados emergentes pelo sexto ano

Esse é o resultado de reviravoltas de políticas que deixaram uma economia outrora rica em ruínas. Não há fim previsto para a queda do peso argentino, mesmo com a expectativa de melhora para os países emergentes em 2021 (Wikimedia Commons/Wikimedia Commons).

Algumas coisas nunca mudam. O peso argentino deve fechar 2020 como a moeda de pior desempenho entre mercados emergentes pelo sexto ano consecutivo.

Ou, para uma maior perspectiva, este seria o oitavo ano dos últimos nove em meio a uma inflação persistentemente alta.

Esse é o resultado de uma década de reviravoltas e reversões de políticas que deixaram a economia outrora rica em ruínas. Além disso, não há fim previsto para a queda do peso argentino no mercado à vista, mesmo com a melhora do cenário para os

mercados emergentes no próximo ano. Muitos analistas esperam que as autoridades acelerem a desvalorização diária controlada, pois as reservas internacionais atingiram o menor nível em quatro anos.

“A questão é por quanto tempo a Argentina continuará a usar as reservas para atrasar o ajuste”, disse Sergi Lanau, vice-economista-chefe do Instituto de Finanças Internacionais.

Um porta-voz do banco central não quis comentar sobre o desempenho do peso ou sobre os planos de política do banco para 2021.

O peso acumula caiu 27,2%, para 82 em relação ao dólar desde dezembro e perderá cerca de 30% em todo ano se o banco central mantiver sua política de permitir uma depreciação de 0,1% a 0,2% ao dia. Isso se compara às quedas de 24,3% da lira turca e de 20,7% do real no acumulado deste ano.



Enfermeira é primeira a ser vacinada contra covid-19 nos EUA



Uma enfermeira que trabalha na unidade de terapia intensiva de um hospital de Nova York foi a primeira pessoa nos Estados Unidos a receber a vacina Pfizer/BioNTech contra covid-19 nesta segunda-feira (14), em um marcos esforços norte-americanos para controlar o vírus.

Sandra Lindsay, que tratou na UTI alguns dos pacientes mais graves com covid-19 por meses, recebeu a vacina no Long Island Jewish Medical Center, no bairro do Queens, um epicentro inicial da pandemia de coronavírus nos EUA, o que provocou aplausos durante uma transmissão

ao vivo com o governador de Nova York, Andrew Cuomo.

“Não senti nada diferente do que senti quando tomei qualquer outra vacina”, disse Lindsay. “Me sinto esperançosa hoje, aliviada. Sinto que a cura está chegando. Espero que isso marque o início do fim de uma época muito dolorosa da nossa história. Quero instilar a confiança pública de que a vacina é segura.”

Minutos depois de Lindsay receber a vacina, o presidente dos EUA, Donald Trump, escreveu no Twitter: “Primeira vacina aplicada. Parabéns, EUA! Parabéns, MUNDO!”

A vacina, desenvolvida pela Pfizer em parceria com a alemã BioNTech, obteve aprovação emergencial de reguladores federais na sexta-feira, depois de se mostrar 95% eficaz na prevenção da doença em testes clínicos de larga escala.

As primeiras 2,9 milhões de doses começaram a ser enviadas para centros de distribuição ao redor dos EUA no domingo, 11 meses depois de os Estados Unidos documentarem suas primeiras infecções por Covid-19.

Até esta segunda, o país registrou 16.286.343 casos da doença e 299.489 mortes.

Reuters/ABR

Editorial: Daniela Camargo
Comercial: Tiago Albuquerque
Serviço Informativo: Folha Press, Agência Brasil, Senado, Câmara.

Jornal Data Mercantil Ltda
Administração, Publicidade e Redação: Rua XV de novembro, 200
Conj. 21B – Centro – Cep.: 01013-000 Tel.: 11 3337-6724
E-mail: comercial@datamercantil.com.br
Cnpj: 35.960.818/0001-30

Retomada da atividade econômica perde força em outubro e cresce 0,86%, diz indicador do BC



A recuperação da atividade econômica diminuiu o ritmo e cresceu 0,86% em outubro, segundo o indicador IBC-Br do BC (Banco Central) divulgado nesta segunda-feira (14). A alta é a menor desde maio, quando a economia começou a se restabelecer depois do tombo causado pela pandemia da Covid-19.

No trimestre terminado em outubro, a economia cresceu 6,46%. No acumulado dos últimos 12 meses, houve queda de 3,93%. No ano, a retração foi de 4,92%.

Depois da chegada do vírus ao país, a economia foi afetada pelo fechamento dos comércios e pelo isolamento social. Com a reabertura e

flexibilização do distanciamento, a atividade segue em recuperação, observada desde maio, mas ainda não foi suficiente para alcançar os patamares registrados antes da crise.

Em setembro, houve alta de 1,29% em relação a agosto.

O número mensal foi calculado com ajuste sazonal (que remove particularidades do período, como número de dias úteis, por exemplo) para facilitar a comparação com outros meses.

Em março, quando o vírus chegou ao país, houve redução de 5,90% no setor produtivo, já sob efeito do isolamento social.

Com a população em casa, o consumo diminuiu em diversos setores, como servi-

ços e turismo, e a atividade econômica despencou.

O pior resultado foi registrado em abril, quando a economia caiu 9,73%, nível mais baixo desde outubro de 2006 e maior queda entre um mês e outro desde o início da série histórica, iniciada em 2003.

Maio já trouxe resultado positivo em relação a abril, de 1,3%, mas ficou aquém das expectativas do mercado, que era de 4,5%.

O IBC-Br mede a atividade econômica do país e é divulgado desde março de 2010. Ele foi criado para auxiliar em decisões de política monetária, já que não existe outro dado mensal de desempenho do setor produtivo.

Larissa Garcia/Folhapress

Diminuir inflação e juros no longo prazo demanda reformas e consolidação fiscal, diz Economia



O Ministério da Economia avalia que a elevação nos preços observada em 2020 é limitada e não piora projeções de médio prazo, mas defende as reformas e a melhora das contas públicas para diminuir as taxas de inflação implícita e os juros no longo prazo.

As observações estão em nota técnica divulgada nesta segunda-feira (14) pela SPE (Secretaria de Política Econômica). A pasta parte da análise que o teto de gastos criado em 2016 proporcionou reduções significativas da inflação implícita em títulos públicos, com valores nos últimos anos alcançando as taxas mais baixas da série.

Apesar da melhora nas taxas cobradas por investido-

Bares e restaurantes vão à Justiça contra restrição de horário e de venda de bebidas em SP

A Abrasel (Associação Brasileira de Bares e Restaurantes) de São Paulo vai mover duas ações judiciais contra o governo do estado de São Paulo, gestão João Doria (PSDB), para suspender a proibição de vendas de bebidas alcoólicas após às 20h e as restrições abusivas contra o setor, como não liberar mesas nas calçadas.

Desde o início da pandemia de coronavírus, 12 mil bares, restaurantes e similares (lanchonetes) fecharam as portas na capital e 50 mil no estado, segundo a associação.

Os bares de São Paulo estão atendendo os clientes até às 20h, desde sábado (12), em todo estado. Os restaurantes podem funcionar até às 22h, mas só poderão vender bebidas alcoólicas até às 20h. A permanência de clientes em pé está proibida e cada mesa pode ter, no máximo, seis

pessoas. O distanciamento mínimo entre as mesas deve ser de 1,5 metro, com aferição de temperatura e acesso a álcool em gel nos acessos aos estabelecimentos. A medida é uma das ações tomadas pelo governo Doria por causa do aumento no número de casos de Covid-19.

Para a Abrasel, o aumento das restrições ao funcionamento de bares e restaurantes são improdutivas e apontam para uma falsa causa do agravamento da contaminação pelo coronavírus. Segundo a associação, bebidas alcoólicas representam 50% da receita desses estabelecimentos.

Resposta O governo estadual respondeu, em nota, que segue as recomendações de médicos e cientistas do Centro de Contingência do coronavírus e toma todas as medidas estabelecidas pelo Plano São Paulo para cumprir este compromisso. Martha Alves/Folhapress



res para emprestar ao país no curto prazo, taxas de títulos a prazos maiores continuam saindo a juros mais altos diante de fatores como a incerteza com a política fiscal.

“A continuidade das reformas e o aprofundamento da consolidação fiscal fazem-se necessários para consolidar os ganhos obtidos e promover melhoras nas taxas longas de inflação implícita e dos juros reais”, diz o texto.

Para a pasta, o bom funcionamento do regime de metas de inflação demanda uma situação fiscal sob controle e que não comprometa o objetivo do Banco Central de perseguir uma meta.

“A maior confiança de que a dívida pública é sustentável dá suporte ao Regime de Metas da Inflação, tornan-

do a política monetária crível. Dessa forma, a consolidação fiscal aumenta a convicção nos objetivos de longo prazo”, afirma o texto.

“Os ganhos fiscais e monetários da consolidação fiscal podem ser percebidos por meio da redução de incerteza, maior previsibilidade dos agentes econômicos, menores prêmios de risco, baixos juros neutros, aumento do investimento das empresas, redução no custo de rolagem da dívida pública, maiores níveis de crescimento econômico e redução das desigualdades de renda”, diz a SPE.

Os comentários são feitos após o ministro da Economia, Paulo Guedes, ver o ano se encerrar com as principais reformas de sua agenda travadas.

Fábio Pupo/Folhapress

Agronegócio

Obras de infraestrutura reduziram em 11% valor do frete agrícola



Ontenta e seis obras prioritárias foram entregues em 2020 pelo Ministério da Infraestrutura. Segundo o balanço anual da pasta, divulgado hoje (14), 1.259 quilômetros (km) de estradas foram construídos ao longo do ano em todo o país, resultando em uma redução média de 11% no valor do frete agrícola, informou o ministério, tendo por base estudos da Empresa de Planejamento e Logística (EPL).

“Este ano de 2020 foi um ano extremamente desafiador porque nos deparamos com uma situação inesperada, que foi a pandemia. Tínhamos a preocupação de manter a logística funcionando, para que fizessemos o melhor enfrentamento”, disse o ministro da Infraestrutura, Tarcísio Gomes de Freitas ao apresentar, via online, o balanço. Segundo Gomes de Freitas, o Brasil

está preparado, do ponto de vista logístico, para fazer a distribuição de vacinas.

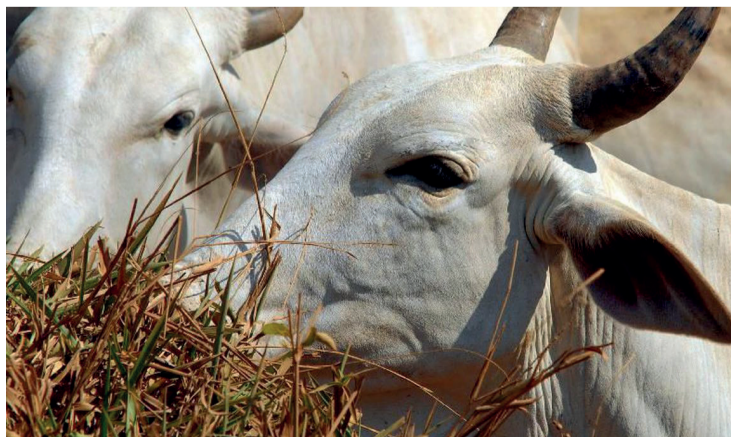
O Ministério da Infraestrutura destaca, entre as ações realizadas este ano, a participação na operação conjunta federal que trouxe ao país 960 toneladas de máscaras cirúrgicas e N95, para distribuição em todas as unidades federativas. “Durante três meses, 39 voos partiram da China em uma operação inédita de logística que cruzou 11 fusos horários diferentes para chegarem ao destino final”, informou a pasta.

Outro feito destacado no balanço divulgado hoje foi a sanção do novo Código de Trânsito Brasileiro, que entrará em vigor no dia 12 de abril. A expectativa é de que as mudanças simplifiquem e desburocratizem processos, reduzindo custos e investindo em medidas educativas.

A aprovação pela Câmara dos Deputados do Projeto de Lei (PL) 4.199/2020 – que institui o BR do Mar, programa do governo que busca aumentar a oferta e reduzir custos para a cabotagem (navegação entre portos do país) – é tida como “uma grande vitória” para o setor portuário. O projeto ainda está sendo analisado pelo Senado Federal.

Outro destaque apresentado no balanço do ministério foi a disponibilização da nova placa de identificação veicular, disponibilizada pelo Departamento Nacional de Trânsito (Denatran) a todas as unidades federativas. “O modelo atual diminui o custo e traz itens de segurança mais eficientes, como o QR Code, que possibilita a rastreabilidade, dificultando a sua clonagem e falsificação”, justificou a pasta. Pedo Pedruzzi/ABR

Valor da produção agropecuária do Brasil deve superar R\$1 tri em 2021 pela 1ª vez

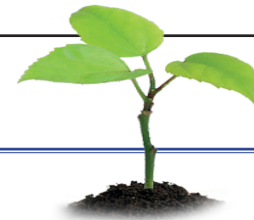


O Valor Bruto da Produção Agropecuária (VBP) do Brasil pode alcançar o recorde de 1,025 trilhão de reais em 2021, estimou o Ministério da Agricultura nesta segunda-feira, em projeção preliminar que conta com bom desempenho tanto das lavouras quanto do setor de carnes no ano que vem.

A expectativa é que a agricultura represente uma alta de 18,2% em relação a 2020, com 707,7 bilhões de reais. A produção pecuária deve avançar 10,7%, para 317,5 bilhões.

“Milho e soja continuam apresentando crescimento. Além desses, cacau, arroz, trigo, carne bovina e carne suína”, disse a pasta em nota.

IBGE continua com estimativa de safra recorde em 2020, mas prevê importação de feijão em 2021



O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou nesta quinta-feira (10) uma atualização para a produção agrícola brasileira em 2020 e em 2021.

Para este ano, o IBGE prevê que a safra deverá ser 4,4% maior do que a de 2019, representando um novo recorde. Está prevista a colheita de 252 milhões de toneladas.

Em 2021, a expectativa de novo recorde, porém com colheitas menores de arroz e feijão, assim como a prevê Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). No caso deste último, o IBGE afirma que, se mantiver a produção atual, o país precisará importar o alimento.

De acordo com o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), os três principais produtos do

grupo de cereais, leguminosas e oleaginosas em 2020 são o arroz, o milho e a soja, que, somados, representam 92,7% da estimativa da produção e respondem por 87,1% da área a ser colhida.

Na comparação com a produção do ano anterior, houve acréscimos de 7,1% para a soja, de 7,8% para o arroz e de 0,4% para o milho houve crescimento de 2,3% no milho de 1ª safra e decréscimo e de 0,3% na 2ª safra.

Já para o ano que vem, a previsão do IBGE é de que a produção brasileira alcance 256,8 milhões de toneladas, superando o recorde deste ano. <https://tpc.googleusercontent.com/safeframe/1-0-37/html/container.html>.

A colheita histórica deverá vir, especialmente, do aumento na produção de soja e da produção das três safras de milho. G1



Em destaque, o faturamento previsto para a soja é de 328,6 bilhões de reais; para o milho, de 112,8 bilhões de reais; e para carne bovina outros 139,9 bilhões de reais.

Na área de grãos, a oleaginosa é beneficiada pela perspectiva de safra recorde em 2020/21 e firme demanda externa. O milho deve ter aumento de área plantada na segunda safra, em vista de elevados patamares de preço pagos pelo cereal.

Já nas carnes --cujos VBPs podem atingir máximas históricas no bovino, suíno e no frango em 2021-- segue a projeção de firme demanda externa vinda da China, em decorrência dos efeitos da peste suína africana

nos plantéis do país asiático desde 2018.

Apesar dos resultados gerais positivos, algumas culturas de ampla relevância para o agronegócio brasileiro têm queda no valor de produção previsto para 2021. É o caso do algodão, café, cana-de-açúcar e laranja.

O algodão pode recuar 4,1%, para 50,69 bilhões de reais, com alguns produtores desistindo de plantar a pluma para apostar na soja ou no milho safrinha em 2020/21.

Cana, café e a citricultura foram três atividades afetadas pela forte seca que atingiu as lavouras do país neste segundo semestre.

Negócios

A Havaianas e seus recordes bilionários da pandemia, sem digital



As grandes marcas de varejo viveram uma verdadeira corrida digital em 2020. Com o mundo de portas fechadas, o comércio eletrônico foi a salvação da lavoura para a maioria dos negócios. Menos para a Havaianas, dona de um dos produtos mais tradicionais do país e considerado também um dos mais democráticos, o chinelo que virou sinônimo de categoria. A Alpargatas, que também controla a rede de moda Osklen, experimentou uma realidade bem diferente neste ano.

Na contramão do setor, o que segurou o negócio durante a fase aguda da pandemia foram – pasmem! – as vendas físicas, geradas por uma estratégia de posicionamento em novos pontos de venda.

Combinada às mudanças de portfólio e ao dólar alto que puxou a receita das exportações, a tática garantiu que a receita líquida dos primeiros nove meses do ano ficasse praticamente estável em relação ao ano passado, em 2,26 bilhões de reais, apesar da redução de volume.

De maio até agora, a Havaianas ativou 40 mil novos pontos de venda, passando de 260 mil para 300 mil posições. A iniciativa contribuiu para que tivesse o melhor terceiro trimestre de sua história. De julho a setembro, a receita líquida consolidada da marca aumentou 24% e o volume, 11%. Já o Ebitda avançou 29%, com ganho de margem de 7 pontos percentuais.

Os números foram suficientes para que o presidente

da Alpargatas, Roberto Funari, se sentisse confortável para dizer que as Havaianas foram a marca “do ficar em casa”, quase o traje oficial da pandemia. Ou vai dizer que não fez nenhuma live ou reunião todo arrumadinho ou maquiada e com “as legítimas” nos pés?

Foi durante a pandemia que a Alpargatas alcançou o maior valor em bolsa de sua história, negociada hoje por mais de 22 bilhões de reais.

Embora no acumulado do ano até setembro a receita tenha ficado estável, o Ebitda sofreu, afetado principalmente pelos impactos da covid-19 sobre a Osklen: caiu de 376 milhões de reais, em 2019, para 282 milhões de reais, neste ano. A margem recuou de 16,5% para 12,5%, nessa mesma base.

“Viagens de lazer estão próximas ao nível pré-covid”, diz Kakinoff, da Gol

Paulo Kakinoff, presidente da Gol: executivo elogia a interlocução com o governo, que, segundo ele, já concorda que impostos como o IR sobre leasing de aeronaves e o ICMS sobre querosene de aviação são distorções que prejudicam a competitividade do mercado aéreo no país (Germano Luders/Exame)

Apesar da pior crise da história da aviação comercial, a parece ir muito bem, obrigado. Depois de reduzir uma operação de 850 voos diários para pouco mais de 50 em abril e registrar um prejuízo de quase R\$ 2 bilhões no segundo trimestre, a companhia fechou um acordo de redução de jornada e salários com seus funcionários, honrou dívidas que deixavam o mercado ressabiado e ganhou rating na praça – tudo isso sem nenhuma ajuda do governo.

A poucas semanas das festas de fim de ano, o presidente da Gol, Paulo Kakinoff, diz não sentir um arrefecimento na demanda dos pas-

sageiros de lazer e que, mesmo com o avanço da segunda onda de covid-19 no Brasil, espera uma operação de fim de ano muito semelhante à de 2019. “Nesse dezembro e janeiro, teremos uma demanda muito parecida com o período pré-covid”, disse o executivo em entrevista.

Em linha com o que diz a associação do setor, Kakinoff elogiou a interlocução com o governo durante a pandemia, que, segundo ele, já concorda que impostos como o Imposto de Renda sobre leasing de aeronaves e o ICMS sobre querosene de aviação são distorções que prejudicam a competitividade do mercado aéreo nacional.

“Há uma mobilização e uma discussão sobre o que pode ser feito para equilibrar essas distorções, com um nível de interlocução, dedicação de tempo e intensidade que eu, honestamente, ainda não tinha visto”, afirmou o executivo, no Aerotech, Centro de Manutenção da empresa, em Confins.

Exame



Além da Skol: qual é o segredo para o futuro da sobrevivência da Ambev



O mercado de cervejas mudou, no Brasil e no mundo. A Ambev, justamente por ter sido durante décadas a maior fabricante de cervejas no Brasil, demorou para se adaptar às mudanças. A posição confortável da dona da Skol está ameaçada pelas mudanças dos consumidores, tanto em termos de sabores preferidos quanto em ocasiões de consumo, e pela concorrência mais forte.

Mesmo assim, a Ambev tem realizado uma revolução silenciosa e transformou sua cultura interna para criar produtos mais adequados aos

novos gostos dos consumidores. Entre os segredos para sua sobrevivência futura é o app de entregas Zé Delivery – veja mais abaixo.

Com essas mudanças, o Itaú BBA acredita que a ação da empresa pode se valorizar 10%. Para o Itaú, o preço-alvo da ação é de 18 reais para o ano de 2021. Como o preço atual é de 15,41 reais, o alvo significa uma valorização de 10% em um ano.

O ano de 2021 será desafiador para a Ambev. As taxas de desemprego devem continuar altas e podem chegar a 15% no próximo ano, comparadas a 11,5% em 2019. Além

disso, com o fim do pagamento do auxílio emergencial, a renda disponível das famílias brasileiras está ainda mais restrita – principalmente no Norte e no Nordeste. O dólar, que influencia preços de matérias primas como garrafas PET, alumínio, açúcar, milho e cevada, deve continuar impactando os custos da empresa.

As margens de lucro podem cair, mas a empresa está preparada para esses obstáculos e o mercado já contabilizou esses desafios no preço de sua ação. O desafio maior não está em 2021, no entanto, mas sim na sua transformação de longo prazo.

Exame